

## ANÁLISE VARIACIONISTA DOS SONS RÓTICOS EM CRUZ MACHADO, PARANÁ

### VARIATIONIST ANALYSIS OF ROTHIC SOUNDS IN CRUZ MACHADO, PARANÁ

Luciane Trennephel da Costa (UNICENTRO)<sup>1</sup>

[ltcosta@unicentro.br](mailto:ltcosta@unicentro.br)

Leticia Michalowski (UNICENTRO)<sup>2</sup>

[leticia\\_michalowski@hotmail.com](mailto:leticia_michalowski@hotmail.com)

**RESUMO:** A cultura eslava, polonesa e ucraniana, persiste no interior do estado do Paraná e concretiza-se nas práticas culturais e no uso linguístico (COSTA, 2020). Neste texto, apresentamos resultados de uma análise variacionista das variantes róticas, os chamados sons de r, produzidas por falantes pertencentes à uma comunidade de descendentes poloneses. Foram analisados dados de fala de doze informantes, seis homens e seis mulheres, divididos em duas faixas etárias: até 50 anos e mais de 50 anos. Os resultados revelam o predomínio da variante tepe, com 54% de aplicação e como variáveis favorecedoras à realização desta variante destacam-se inicialmente variáveis independentes estruturais: a posição silábica de ataque medial, o tipo de vocábulo, o contexto anterior e o contexto posterior ao rótico. Foram selecionadas também como condicionadoras à realização do tepe na amostra as variáveis sociais: sexo, com o predomínio dos homens, a escolaridade, com maior incidência entre os informantes de baixa escolaridade, e a etnia com o predomínio dos falantes de origem polonesa. Os resultados demonstram que o predomínio da realização da variante rótica tepe em ambientes silábicos não produtivos no português brasileiro, ataque silábico ou início de sílaba, e o fenômeno variável de substituição das variantes róticas fortes, fricativa velar e vibrante múltipla alveolar, pela variante tepe caracterizam o português brasileiro falado pelos descendentes poloneses na amostra analisada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Róticos. Variação Linguística. Poloneses.

**ABSTRACT:** Slavic, Polish and Ukrainian culture persists in the interior of the state of Paraná and is embodied in cultural practices and linguistic use (COSTA, 2020). In this text, we present results of a variationist analysis of rhotic variants, the so-called r sounds, produced by speakers belonging to a community of Polish descendants. Speech data from twelve informants were analyzed, six men and six women, divided into two age groups: up to 50 years old and over 50 years old. The results reveal the predominance of the tepe variant, with 54% of application and as variables favoring the realization of this variant, initially stand out independent structural variables: the syllabic position of medial attack, the type of word, the context before and the context after the rhotic. Social variables were also selected as conditions for carrying out the tepe in the sample: gender, with a predominance of men, education, with a higher incidence among informants with low education, and ethnicity with a predominance of speakers of Polish origin. The results demonstrate that the predominance of the realization of the rhotic variant tepe in non-productive syllabic environments in Brazilian Portuguese, syllabic attack or beginning of a syllable, and the variable phenomenon of replacement of the strong rhotic variants, velar fricative and vibrant alveolar multiple, by the tepe variant characterize Brazilian Portuguese spoken by Polish descendants in the analyzed sample.

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Centro-Oeste. Doutora.

<sup>2</sup> Universidade estadual do Centro-Oeste. Mestranda.

**KEYWORDS:** Rhotics. Linguistic Variation. Poles.

### Introdução: comunidades polonesas no interior do Paraná

O estado do Paraná recebeu milhares de imigrantes europeus eslavos, poloneses e ucranianos, no final do século XIX (GLUCHOWSKI, 2005). Segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE de 1940 (COSTA, 2020) mais de 22.000 pessoas, ou 6 % da população brasileira da época, declarou falar polonês no lar. Durante décadas, o bilinguismo foi intenso, tanto que, em 1914, eram 46 escolas polonesas, que ministriavam o ensino em polonês, no Paraná (WACHOWICZ, 2002). As comunidades de imigrantes poloneses contribuíram para a formação cultural do estado e, ainda hoje, a cultura polonesa viceja no interior do Paraná. Em comunidades mais afastadas e localizadas no interior do estado, a cultura e a língua continuam vivas. Uma dessas comunidades de descendentes poloneses concentra-se em Cruz Machado, cidade fonte dos falantes desta pesquisa.

Cruz Machado é uma cidade de aproximadamente 15.000 habitantes conforme o Censo do IBGE de 2020, distante aproximadamente a 300 Km da capital Curitiba. Foi um núcleo importante de imigrantes poloneses que, ao chegar ao Brasil, passaram por condições precárias com moradias comunitárias, as budkas, e sofreram uma febre tifóide que matou muitos (NIEWIADOMSKI, 2019). No distrito de Santana, há um Museu Etnográfico que reproduz tais moradias e resguarda a memória do início da imigração para o Brasil. Portanto, Cruz Machado é uma comunidade representativa de descendentes eslavos no interior do Paraná que, junto com outras etnias, faz parte da diversidade linguística brasileira.

Neste texto, apresentamos resultados, parte de uma pesquisa de mestrado<sup>3</sup>, de uma análise variacionista dos sons róticos produzidos no português brasileiro falado pelos

<sup>3</sup> Desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.

descendentes eslavos de Cruz Machado. Assim, na próxima seção, caracterizaremos brevemente esses sons no português brasileiro.

### **Os sons róticos**

Os sons róticos, os chamados sons de r, possuem muitas variantes no Português Brasileiro com distintos modos e pontos de articulação (SILVA, 2017). Tamanha variação faz com que estejam envolvidos em fenômenos variáveis conforme o dialeto analisado como, por exemplo, o rotacismo, substituição da lateral por um rótico (ROMANO e FONSECA, 2015) e o apagamento do rótico em final de sílaba (CARMO e TABORDA, 2019).

No Português brasileiro, as variantes fricativa velar e vibrante alveolar ocorrem produtivamente no ataque silábico, início de sílaba, e as variantes tepe e retroflexo ocorrem produtivamente na coda silábica, final de sílaba (COSTA e COTOVICZ, 2015). No entanto, análises variacionistas acerca dos róticos em comunidades eslavas evidenciam que nestas comunidades predomina a variante tepe e o fenômeno variável de troca da variante fricativa velar pelo tepe no ataque é bastante produtivo (COSTA e SOUZA, 2022). Para investigar a produção dos sons róticos no português brasileiro falado pelos descendentes eslavos em Cruz Machado, realizamos uma análise variacionista cuja metodologia e resultados serão explanados na próxima seção.

### **Análise variacionista dos sons róticos em Cruz Machado**

Os resultados apresentados neste artigo são originários de uma pesquisa que se ancorou nos procedimentos metodológicos da sociolinguística variacionista laboviana (LABOV, 2008 [1972]). Para efetivá-la, analisamos dados de fala de doze informantes da amostra da cidade de Cruz Machado, pertencentes ao banco de dados sociolinguísticos Variação Linguística de Fala Eslava- VARLINFO. Tal banco é vinculado ao Programa Permanente de Extensão Núcleo de Estudos Eslavos – NEES da Universidade Estadual

do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. O NEES é um programa que extensão que objetiva mapear e registrar a cultura eslava, polonesa e ucraniana, presente na região de abrangência da UNICENTRO (GÄRTNER e LOREGIAN-PENKAL, 2016).

Para registro do português brasileiro falado na região, pesquisadoras vinculadas ao NEES, constituíram o VARLINF. O banco conta atualmente com amostras de fala de sete cidades: Cruz Machado, Irati, Ivaí, Mallet, Rebouças, Rio Azul e Prudentópolis. As entrevistas que compõem o banco foram conduzidas de acordo com os pressupostos teóricos da sociolinguística quantitativa laboviana, versando acerca da cultura eslava e aspectos do cotidiano das comunidades sempre tentando deixar o falante à vontade de forma a produzir seu vernáculo (COSTA e LOREGIAN-PENKAL, 2015). Tais entrevistas foram realizadas a campo, na casa dos informantes, e têm em média quarenta minutos de duração. Em todas as entrevistas que compõem o banco, os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Como referido na parte introdutória deste texto, Cruz Machado é uma cidade que recebeu levas de imigrantes eslavos, principalmente poloneses, e com uma viva cultura eslava. Foram selecionados doze informantes conforme o Quadro 01. Na Variável escolaridade, o Primário corresponde ao período da primeira à quarta série, o Ginásial corresponde ao período da quinta à oitava série e o Colegial ao atual ensino médio.

**Quadro 01** - Perfil dos informantes analisados

Informante	Idade	Sexo	Escolaridade	Etnia
1	Menos 50	Masculino	Primário	Polonesa
2	Menos 50	Feminino	Ginásial	Híbrida
3	Menos 50	Masculino	Primário	Polonesa
4	Menos 50	Feminino	Primário	Polonesa
5	Mais 50	Masculino	Ginásial	Polonesa
6	Mais 50	Feminino	Ginásial	Polonesa
7	Mais 50	Masculino	Ginásial	Polonesa
8	Mais 50	Feminino	Primário	Polonesa

9	Menos 50	Masculino	Colegial	Híbrida
10	Menos 50	Feminino	Colegial	Polonês
11	Mais 50	Masculino	Colegial	Polonês
12	Mais 50	Feminino	Colegial	Híbrido

Fonte: Elaboração própria

Após a seleção das entrevistas, foi realizada a audição de oitiva, contando apenas com a percepção da pesquisadora, e a anotação de todas as ocorrências dos sons róticos conforme o Quadro 02. Optamos por realizar a transcrição ortográfica simples dos dados coletados, com a transcrição fonética das variantes.

**Quadro 02 – Transcrição dos dados**

Tempo	Transcrição	Frase
23:24	p[ø]endendo	Dai tava prendendo o meu joelho inteiro
24:16	agriculto[r]	Como a gente tem notas de agricultor
23:59	ca[r]ega[ø]	Não era pra carregar nada pesado
32:39	a[.]guma	De vez em quando sai arguma desavença
35:29	[r]edo[.]	Aqui ao redor tem

Fonte: Elaboração própria

Após a análise de oitiva e as transcrições das variantes identificadas, prosseguimos com a codificação dos dados. Este código consiste em nove caracteres, representando os grupos linguísticos selecionados para esta análise conforme o Quadro 03.

### Quadro 03 - Variáveis independentes e seus fatores

<b>Variante rótica realizada</b>	1 – tepe 2 - fricativa velar 3 – retroflexo 4 – apagamento 5 - vibrante alveolar
<b>Ambiente silábico</b>	a) ataque absoluto b) ataque medial c) coda medial d) coda final e) ataque complexo
<b>Tipo de vocábulo</b>	s – substantivo v – verbo p – preposição a – adjetivo r - pronome
<b>Contexto anterior ao rótico</b>	A E I O U c > ɔ d > ε x - consoante z - zero
<b>Contexto posterior ao rótico</b>	v - vogal d - oclusiva sonora (b, d, g) t - oclusiva surda (p, t, k) p - pausa n - nasal f - fricativa alveolar vozeada
<b>Sexo</b>	m - masculino f - feminino
<b>Faixa etária</b>	1 - até 50 anos

	2 - mais de 50 anos
<b>Escolaridade</b>	f - fundamental g - ginásial c - colegial
<b>Etnia</b>	p - polonesa u - ucraniana h - híbrida

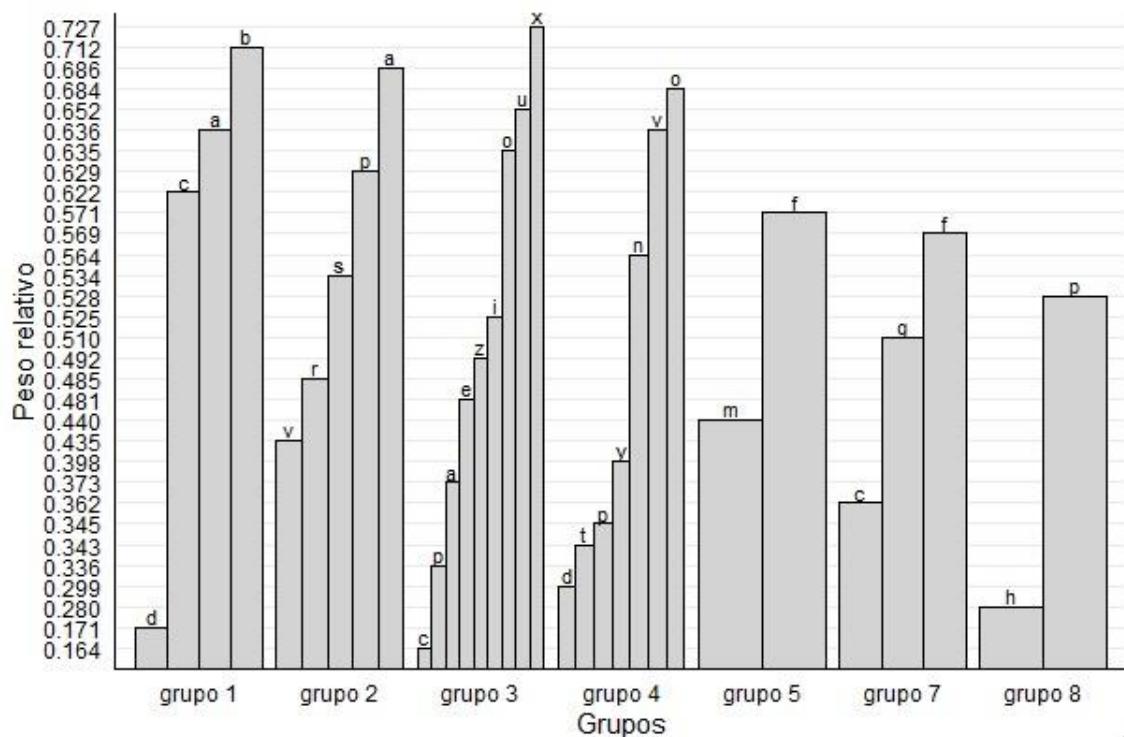
Fonte: Elaboração própria

Após a codificação dos dados, utilizamos o *software* Goldvarb<sup>4</sup>, amplamente utilizado em estudos sociolinguísticos, para investigar como os fatores linguísticos e sociais influenciam a variação dos dados analisados.

Os resultados revelaram o predomínio da variante tepe com uma porcentagem de aplicação de 54% em 2100 dados que geraram 529 células. O programa selecionou as seguintes variáveis independentes como favorecedoras à realização do tepe: ambiente silábico (grupo 1), tipo de vocábulo (grupo 2), contexto anterior ao rótico (grupo 3), contexto posterior ao rótico (grupo 4), sexo (grupo 5), escolaridade (grupo 7) e etnia (grupo 8). O gráfico 1 apresenta os dados dos pesos relativos e os códigos representados por letras de cada grupo de variáveis independentes. O grupo 6, variável faixa etária, não foi selecionado como relevante para a realização do tepe na amostra.

<sup>4</sup> conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística (GUY, ZILLES, 2007, p. 105).

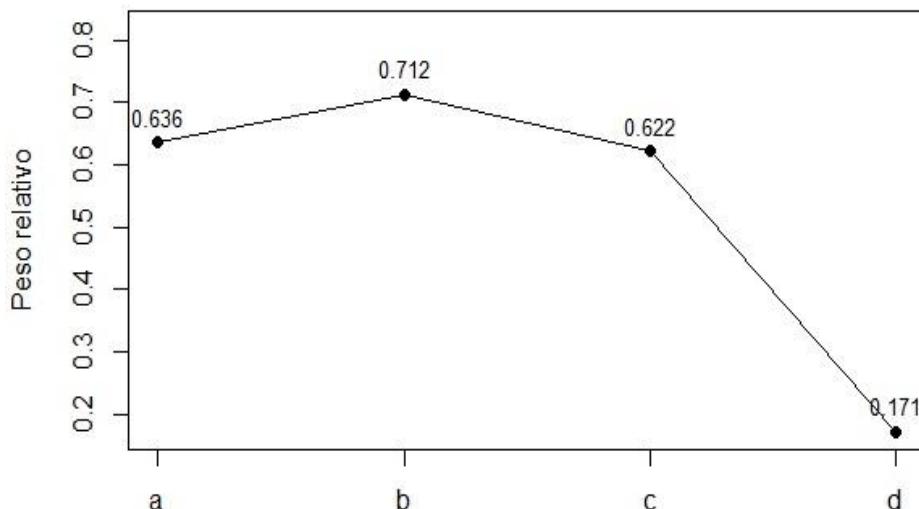
**Gráfico 1** – Pesos relativos de cada variável e seus fatores



Fonte: Elaboração própria.

O programa *Goldvarb* determinou a importância de cada variável na produção da variante tepe, seguindo a ordem: grupo 4, grupo 3, grupo 7, grupo 1, grupo 2, grupo 8 e grupo 5. A seguir explicaremos detalhadamente cada variável e seus fatores que favorecem à realização do tepe.

A primeira variável apontada como relevante pelo programa na realização do tepe na amostra analisada foi o ambiente silábico. No gráfico 2, podemos visualizar quais fatores se sobressaíram em relação aos demais.

**Gráfico 2** - Ambiente silábico na aplicação do tepe

Fonte: Elaboração própria.

O fator *b*, corresponde ao ataque medial, como, por exemplo, nas palavras *carro* e *cachorro*, e seu peso relativo foi de 0.712. Este ambiente silábico foi o primeiro fator de favorecimento à realização da variante tepe na amostra, representando 81.8% das 516 aplicações totais. O segundo fator apontado como relevante pelo software *Golvarb* foi o *a*, indicando o ataque absoluto como, por exemplo, nas palavras *rua* e *roça*. O peso relativo foi de 0.636, representando 76.2% das realizações.

Quanto ao fator *c*, o qual representa a coda medial como, por exemplo, nas palavras *perna* e *verdade*, obteve-se um peso relativo de 0.622. O grupo *d*, corresponde a coda final como, por exemplo, nas palavras *mar* e *calor*, este grupo obteve o menor peso relativo indicando o seu baixo condicionamento para a ocorrência do tepe.

Este resultado demonstra uma especificidade dos dados da amostra, pois difere da predominância da fricativa velar nestes ambientes silábicos no português brasileiro (SILVA, 2017) e é coerente com outras análises descritivas da fala de descendentes eslavos (COSTA e SOUZA, 2022; COSTA e COTOVICZ, 2015).

A segunda variável selecionada pelo programa como fator condicionador à aplicação do tepe foi o tipo de vocábulo, na tabela 1 podemos observar o resultado desta variável:

**Tabela 1- Tepe conforme tipo de vocábulo**

Tipo de vocábulo	Ap./Total	%	Peso relativo
a	115/154	74.7	0.686
p	49/67	73.1	0.629
s	583/843	69.2	0.534
v	383/1024	37.4	0.435
r	3/10	30.0	0.485
Input 0.512			

Fonte: Elaboração própria

Os adjetivos destacam-se como maiores favorecedores à realização do tepe, com peso relativo de 0.686. Também foi registrado a maior porcentagem de aplicações com 74.7% em 154 ocorrências totais. As preposições apresentaram o segundo maior peso relativo com o valor de 0.629. Além disso, também é possível notar a segunda maior porcentagem de aplicações, 73.1%, dentre todas as variáveis.

Os substantivos apresentaram um peso relativo de 0.534, com 69.2% de aplicações em 843 ocorrências. A classe dos verbos obteve um peso relativo de 0.435 com 37,4% de aplicações em 1024 ocorrências. Por fim, os pronomes apresentaram um peso de 0.485 com o menor número de ocorrências na amostra, apenas dez.

A tradição gramatical agrupa os substantivos e adjetivos na designação nomes, pois as duas classes morfológicas compartilham muitos traços mórficos como vogal temática e flexão de gênero e número e para sua distinção devemos adotar um critério sintático (CASTILHO, 2010). Para aprofundar o possível condicionamento desta variável para a realização do tepe, faz-se necessário realizar uma pesquisa futura acerca da proporção de adjetivos produzidos pelos informantes na amostra e também da

produtividade no léxico do português brasileiro de adjetivos com róticos.

A terceira variável favorecedora ao tepe, como indicado pelo programa, foi o contexto anterior ao rótico como pode ser visualizado na tabela 2. Nesta variável independente, foram analisadas as vogais, representadas pelos códigos (a, e, i, o, u, c, > ɔ), a consoante representada por (x), e o código z (zero), que indica a pausa de contexto anterior à variante produzida.

**Tabela 2** - Tepe conforme contexto anterior

Tipo de vocábulo	Ap./Total	%	Peso relativo
x	184/202	91.1	0.727
u	19/24	79.2	0.652
z	227/310	73.2	0.492
o	206/306	67.3	0.635
e	268/515	52.0	0.481
c > ɔ	1/2	50.0	0.164
i	43/95	45.3	0.525
a	168/621	27.1	0.373

Input: 0.512

Fonte: Elaboração própria

As consoantes destacam-se pela frequência expressiva, ocorrendo 184 vezes em 202 dados, representando 91.1% do total de ocorrências e peso relativo de 0.727.

Apesar de sua baixa frequência, apenas 24 ocorrências no contexto anterior ao rótico, a vogal *u* apresentou peso relativo de 0.652, indicando sua relevância quando presente, mesmo representando apenas 1.1% de todas as variáveis desse grupo.

Com 227 aplicações em 310 ocorrências totais, representando uma aplicação de 73.2%, a pausa no contexto anterior se destaca. O peso relativo de 0.492 e a alta aplicação sugerem que o fator pausa pode favorecer à realização do tepe. No caso da vogal *o*, registra-se 206 ocorrências em 306 dados totais, tendo uma aplicação de 67.3%. Com o

terceiro maior peso relativo desse grupo (0.635), essa vogal se destaca como um elemento significativo nos dados.

Já a vogal *e* apresenta o segundo maior valor de ocorrências com 515, porém com apenas 268 aplicações, equivalendo a 52.0% do total. O seu peso relativo foi de 0.481, enfatizando sua importância relativa.

A vogal média baixa [ɔ] apresentou o menor número de ocorrências com apenas duas ocorrências e também o menor peso relativo com um valor de 0.164. Com 43 aplicações em 95 dados, a vogal *i* apresentou uma porcentagem de 45.3% de aplicação, tendo o segundo menor valor de aplicação nesse grupo, o peso relativo dessa vogal foi de 0.525. A vogal *a* apresentou a maior quantidade de dados (621), porém com a menor aplicação com um valor de 168, representando apenas 27.1% de aparições. Coerentemente, também apresentou o segundo menor peso relativo (0.373) dentre todas as variáveis desse grupo.

Souza (2022), ao estudar o tepe na cidade de Prudentópolis no estado do Paraná, aponta que o contexto anterior foi identificado pelo programa *Goldvarb* como relevante na realização do rótico tepe. Em seus resultados, as vogais [i] e [o] favoreceram o uso de tepe, com pesos relativos de 0.658 e 0.561, respectivamente. Conforme afirma Souza (2022): “além das características próprias, os róticos podem se modificar e estabelecer relações com os segmentos que os antecedem ou precedem.” (p. 70).

O programa *Goldvarb* selecionou como quarto fator favorecedor à aplicação do tepe o contexto posterior ao rótico, como podemos visualizar na tabela 3.

**Tabela 3 - Tepe conforme contexto posterior**

Posição na sílaba	Ap./Total	%	Peso relativo
v	812/1023	48.9	0.636
d	20/50	2.4	0.299
p	54/614	29.3	0.345
t	73/137	6.5	0.343

n	70/98	4.7	0.564
y	100/170	8.1	0.398
Input 0.512			

Fonte: Elaboração própria

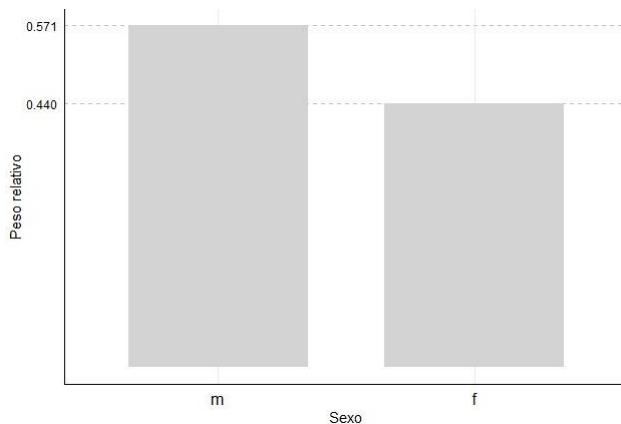
Os resultados expressos na tabela mostram que, nesta variável, as vogais predominaram com porcentagem de 79.4% e peso relativo de 0.636. Quanto às oclusivas sonoras (código d), ocorreu uma baixa representação na amostra, em termos percentuais apenas 2.4%. O código p (pausa) com uma representação de 29.3%, também indica uma influência do contexto posterior ao som tepe, com o peso relativo de 0.345.

A seleção das variáveis independentes contexto anterior e contexto posterior ao rótico como favorecedoras à realização do tepe coaduna-se com a natureza acústica desta variante que é um som caracterizado por um movimento balístico de ponta da língua em direção à região alveolar e geralmente apoia-se em um evento acústico de natureza vocálica (COSTA, 2013), constatado em abordagens acústicas para o Português Brasileiro, conforme Silva (1996) e Silveira e Seara (2008).

Após a seleção de quatro variáveis estruturais para o condicionamento da realização do tepe, o programa *Goldvarb* selecionou como quinta variável favorecedora à realização da variante tepe o sexo do falante. Como exposto no quadro 1, a amostra foi composta por seis informantes do sexo masculino e seis do sexo feminino, visando assegurar uma distribuição equitativa na variável social sob análise. No gráfico 3 é possível observar os valores do peso relativo para os sexos masculino e feminino.

Como se pode visualizar, a variável tepe obteve um predomínio na fala do sexo masculino, com um peso relativo de 0.571, se comparado a fala das mulheres, a qual obteve um peso relativo de 0.440. No contexto da aplicação total, o sexo masculino registrou 586 aplicações em 1141 dados totais, correspondendo a uma aplicação de 51.4%, enquanto o sexo feminino alcançou 548 aplicações de 959 dados totais, com um maior valor de aplicação, 57.1%, em relação ao sexo masculino.

**Gráfico 3 - Ocorrências de tepe por sexo**



Fonte: Elaboração própria

Considerando que o tepe ocorreu nos dados da amostra em ambientes silábicos não produtivos no português brasileiro, este resultado é coerente com as afirmações de Labov (2008 [1972], p. 346) de que as mulheres “usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada”. Embora as mulheres possam estar na dianteira em formas inovadoras, elas também podem ser mais sensíveis às formas de prestígio ou padrão. No caso dos róticos, a realização do tepe no ataque não é a forma padrão no português brasileiro como já referido. Conforme afirmado por Freitag e Severo (2015):

na Sociolinguística, há evidências de forte correlação entre padrões de estratificação social e gênero, com um grande número de estudos, agora clássicos, em que as mulheres, independentemente de outras categorias sociais, como idade, classe etc., tendem a usar mais formas padrão do que os homens. (FREITAG e SEVERO, 2015, p. 29)

A diferença não tão significativa no peso relativo e nas porcentagens de realização do tepe entre o sexo masculino e feminino justifica-se pela especificidade desta variante na fala dos descendentes poloneses e pela produtividade do fenômeno de substituição do rótico forte pelo rótico fraco, ou tepe com 699 ocorrências nos dados analisados.

A variável escolaridade foi a sexta apontada pelo programa como favorecedora à aplicação de tepe. Na tabela 4, são apresentados os dados da variável escolaridade na aplicação do tepe.

**Tabela 4** - Aplicação do tepe e a variável escolaridade

Escolaridade	Ap./Total	%	Peso relativo
f	536/905	59.2	0.569
g	398/700	56.9	0.510
c	200/495	54.0	0.362

Input: 0.512

Fonte: elaboração própria

A predominância na realização do rótico tepe foi observada nos informantes que possuíam apenas o ensino fundamental, representando um total de 905 aplicações, o que corresponde ao percentual de 59.2% do conjunto de dados. O peso relativo associado a esse grupo foi significativo, atingindo 0.569. Esses resultados sugerem uma concentração expressiva da realização da variante entre os participantes com ensino fundamental.

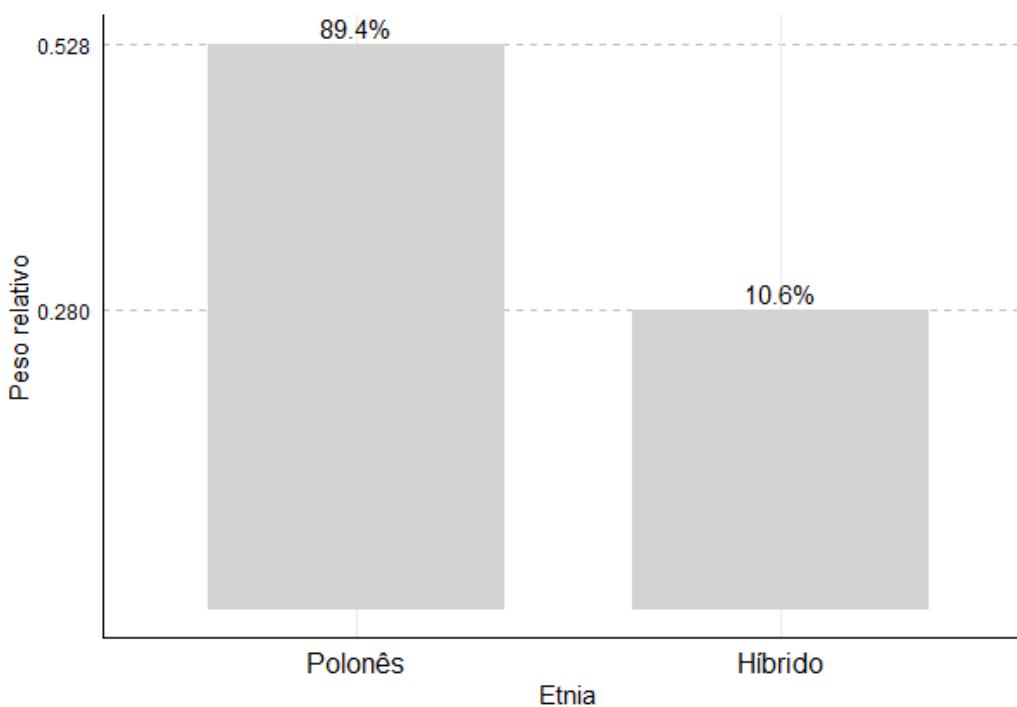
Uma leve mudança de padrão foi percebida quando consideramos os informantes com ensino ginásial (g). Nesse grupo, a aplicação total do tepe foi de 700, o que representa 56.9% do total. O peso relativo associado a esse nível de escolaridade foi de 0.510. Essa variação indica uma distribuição um pouco mais equilibrada da variante entre os informantes com ensino ginásial em comparação com aqueles com ensino fundamental.

Já nos informantes com ensino colegial (c), observou-se uma baixa incidência da variante rótica tepe. O total de aplicações nesse grupo foi de 495, correspondendo a 40.4% do conjunto de dados. O peso relativo associado a esse grupo foi o menor entre os níveis de escolaridade, atingindo 0.362.

Conclui-se, a partir da análise dos dados, que a variante tepe é predominantemente produzida por informantes com baixa escolaridade. Esta constatação sugere uma associação significativa entre a incidência da variante e o nível educacional mais básico, indicando que a aplicação do tepe é mais frequente entre aqueles com baixa escolaridade e novamente o resultado desta variável independente coaduna-se com a especificidade da fala dos descendentes eslavos na amostra com a realização do tepe em ambientes não produtivos no português brasileiro.

A última variante identificada como relevante para a aplicação do tepe na amostra foi a etnia. No grupo de doze informantes submetidos à análise, apenas três deles possuem descendência híbrida, em que a ascendência é misturada com um dos genitores descendente polonês e o outro descendente ucraniano. Os informantes considerados como de etnia polonesa têm os dois genitores de origem polonesa.

**Gráfico 4** – Variante tepe e a etnia



Fonte: Elaboração própria

Observamos no gráfico como a aplicação do rótico tepe é distribuída de acordo com a etnia dos informantes. Informantes de descendência híbrida mostraram uma taxa de uso do tepe de 10.6%, enquanto aqueles de descendência polonesa apresentaram 89.4%. As aplicações do uso do tepe na fala de cada grupo étnico são detalhados na Tabela 8.

**Tabela 5** - A aplicação do tepe na etnia

Etnia	Ap./Total	%
Polonesa	1046/1877	55.7
Híbrida	88/223	39.5

Fonte: Elaboração própria

Analizando os dados apresentados, é evidente que o uso do tepe foi predominante entre os indivíduos da etnia polonesa. Esta variável foi empregada em 1046 casos, representando 55.7% do total de 1877 ocorrências analisadas, com um peso relativo de 0.528. Em contrapartida, para os informantes de descendência híbrida, o tepe foi aplicado em apenas 88 casos, dentre os 223 dados examinados, correspondendo a uma porcentagem de 39.5% e um peso relativo de 0.280. Essa disparidade nos números reflete as diferentes tendências de pronúncia entre os dois grupos étnicos estudados.

Labov (2008 [1972]), discute como as diferenças étnicas podem influenciar a evolução da linguagem e a variação linguística em diferentes comunidades, “no desenvolvimento vocálico de Nova York, descobrimos que a identidade étnica desempenha um papel importante – mais importante que a classe econômica” (LABOV, 2008 [1972], p. 341). Ele destaca que essas diferenças podem se refletir em mudanças fonéticas, padrões de pronúncia e vocabulário específicos associados a grupos étnicos ou castas particulares. Essas variações linguísticas podem ser percebidas como menos prestigiosas ou não conformes às normas linguísticas consideradas corretas em determinados contextos sociais.

O favorecimento da etnia polonesa na realização do tepe sugere a possível influência do bilinguismo e do sistema da língua polonesa no português brasileiro destes descendentes, pois a maioria dos informantes da amostra são bilíngues, falam português e polonês, e alguns aprenderam o português apenas na escola. Os informantes que não falam polonês declararam entender a língua.

## Considerações finais

Apresentamos neste artigo resultados de uma análise variacionista laboviana que objetivou descrever e analisar as variantes róticas produzidas por descendentes eslavos de uma comunidade do interior do estado do Paraná e contribui para o conhecimento do português brasileiro falado pelos descendentes de poloneses no interior do Brasil.

Os resultados da análise efetuada com dados de fala de doze informantes, estratificados em sexo masculino e feminino, duas faixas etárias, até cinquenta anos e mais de cinquenta anos, e três níveis de escolaridade, ensino fundamental, ginásial e colegial; revelaram o predomínio da variante rótica tepe na amostra, condicionada por fatores estruturais e sociais.

A relevância da primeira variável selecionada como condicionadora à realização da variante tepe, o ambiente silábico com predomínio do ataque simples e do ataque medial, liga-se à alta produtividade do fenômeno variável de substituição das variantes róticas forte, fricativa velar e vibrante múltipla alveolar, pelo tepe e parece caracterizar a fala dos descendentes eslavos, pois outras análises variacionistas também demonstram estes resultados (COSTA e SOUZA, 2022).

As variáveis sociais selecionadas como condicionadoras à realização do tepe na amostra foram o sexo, a escolaridade e a etnia polonesa. Na variável independente sexo, os resultados demonstraram um maior peso relativo do sexo masculino e considerando que a realização do tepe no ataque não é a forma padrão no português brasileiro, este resultado é coerente com os postulados variacionistas de que as mulheres são mais sensíveis às formas de prestígio e padrão. De forma similar, a relevância da variável independente etnia pode ser explicada pelo bilinguismo ainda existente na comunidade já que a maioria dos informantes declararam-se bilíngues.

Finalmente, a não seleção da variável independente faixa etária, única variável não selecionada como possível favorecedora à realização do tepe, pode demonstrar de acordo com a teoria variacionista (LABOV, 2008 [1972]), que o predomínio da variante rótica tepe e a alta produtividade do fenômeno variável de substituição das variantes

róticas fortes pelo tepe, que caracterizaram a amostra analisada, pode ser um caso de variação estável na comunidade analisada.

## Referências Bibliográficas

- CARMO, Márcia Cristina; TABORDA, Isabela Ribeiro. Apagamento de /r/ em coda silábica na variedade do interior paulista. *Letras Escreve*, v. 9, n. 3, 2019.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSTA, Luciane Trennephel da Costa. Fenômenos variáveis e variantes líquidas produzidas no ataque complexo. *Revista Acta Scientiarum Language and Culture*. V. 35, n. 2, p. 179-186, 2013.
- COSTA, Luciane Trennephel; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. A coleta de dados do banco VARLINFE – Variação Linguística de fala eslava: Peculiaridades e características. *Revista Conexão*, 2015, v. 11, n.1, p.100-109.
- COSTA, Luciane e COTOVICZ, Márcio. Notícias de uma sobrevivente: a variante rótica vibrante Múltipla alveolar em Rebouças, Paraná. *Web-Revista Sociodialeto*. Volume 6, Número 17, Campo Grande, Novembro, 2015.
- COSTA, Luciane Trennephel da Costa. Panorama da língua polonesa falada no interior do Paraná: dadso do VARLINFE. *Revista X*. Volume 15, N. 6, p. 87-99, 2020.
- COSTA, Luciane e SOUZA, Daiane. Sound Characteristics in the speech of ukrainian descendants in Brazil. *Revista Astraea*, Volume 3 Número 1, 2022. H. S. Skovoroda Kharkiv National Pedagogical University.
- FREITAG, Raquel; SEVERO, Cristine. *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blücher, 2015.
- GÄRTNER, Mariléia e LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *Diálogos interculturais: extensão e pesquisa em contextos de imigração eslava*. São Paulo: Todas as musas, 2016.
- GLUCHOWSKI, Kazimierz. *Os poloneses no Brasil: subsídios pra o problema da colonização polonesa no Brasil*. Porto Alegre: Rodycz e Ordakowski Editores, 2005.
- GUY, Gregory; ZILLES, Ana. Maria. *Stahl. Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo – SP: Parábola Editorial, 2007.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- NIEWIADOMSKI, Sônia Eliane. *Aspectos sonoros da língua polonesa em Cruz Machado no Paraná*. Dissertação em Letras, Interfaces entre Língua e literatura, Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2019.



SILVA, Thais Cristófaro. Fonética e Fonologia do Português. 11. ed. – São Paulo: Contexto, 2017.

SILVA, A. H. P. Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano. 1996. 231f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SILVEIRA, F.; SEARA, I. Vogal de apoio em grupos consonantais CCV no português brasileiro. Revista da Abralin, v. 7, n. 1, p. 27-48, 2008

SOUZA, Daiane Cristina Moreira de. Análise variacionista do rótico na fala de descendentes ucranianos em Prudentópolis no Paraná. Dissertação em Letras, Interfaces entre Língua e Literatura, Universidade Estadual do Centro-Oeste, 2022.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. As Escolas de colonização polonesa no Brasil. Curitiba: Editora Champagnat, 2002.

---

Recebido em: 29/04/2024 | Aprovado em: 20/07/2024

Publicado em: 01/07/2025

---